

## A 'Pílula da Discórdia': a cobertura do caso fosfoetanolamina sintética na TV Brasileira.

\***Marcela V. Alvaro**<sup>1</sup> (PG), **Marina Ramalho e Silva**<sup>2</sup> (PQ).

<sup>1</sup>Especialização em Ensino de Química (EEQ) - Colégio Pedro II

<sup>2</sup>Núcleo de Estudos da Divulgação Científica, Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz.  
*marcelavalvaro@gmail.com / marina.fiocruz@gmail.com*

Palavras Chave: *Divulgação Científica, Televisão, Estudos de Mídia, Controvérsia Científica, Fosfoetanolamina.*

### Introdução

Recentemente, cidadãos e grande parte da comunidade científica brasileira estiveram em polos opostos nas discussões sobre o uso de uma substância produzida na Universidade de São Paulo (USP) para o tratamento de câncer. No ano de 2015, o composto chamado fosfoetanolamina sintética, cujas pesquisas foram lideradas pelo então químico da USP Gilberto Chierice, ganhou manchetes nos noticiários nacionais como "A cura do câncer" ou "Pílula do câncer". Grupos de defesa dos pacientes, familiares, juristas, governantes e cientistas passaram a debater sobre o uso da substância, anunciada por alguns como esperança para os pacientes com câncer, mesmo sem ter passado por testes clínicos nem contar com registro da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Por meio de uma análise de conteúdo quantitativa das matérias veiculadas em diferentes programas da Rede Globo, Record TV e Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), buscamos traçar um panorama das principais características dessa cobertura. Foram analisados 64 vídeos de 14 programas distintos das três emissoras, totalizando uma amostra de 5h e 12 minutos.

### Resultados e Discussão

A análise dos enfoques abordados nos vídeos permitiu constatar que a maior parte das matérias diz respeito aos trâmites políticos/jurídicos da liberação de um possível medicamento – as estratégias políticas envolvendo a discussão do tema, do financiamento das pesquisas, etc. – e ao processo científico, seja enfocando na necessidade de pesquisas clínicas ou no funcionamento da substância no organismo, entre outros aspectos. Embora imagens de cientistas tenham sido veiculadas em maior número em relação às de pacientes (235 e 142 vezes, respectivamente), apenas 22 cientistas foram entrevistados, em contraste aos 75 pacientes entrevistados. Já o professor Chierice e sua equipe contaram com 20 entrevistas, ganhando espaço principalmente no SBT e na Record. Portanto, nessas emissoras o ponto de vista de Chierice e sua equipe foi mais frequentemente abordado do que o do restante da comunidade científica – que, em geral, se posicionou contrariamente ao químico. Ao investigar em que locais os cientistas foram mais retratados pelas matérias analisadas, percebemos que a

grande maioria, nas três emissoras, se passava em laboratórios (84% das imagens). Portanto, a maioria dos cientistas foi retratada em seu ambiente de trabalho, manipulando equipamentos, fazendo análises e observando reações. As imagens dos cientistas serviram, em grande parte, para ilustrar o processo do fazer científico, neste caso a análise e testes de uma droga em potencial, servindo como plano de fundo para as matérias. Já as imagens dos pacientes/familiares se dividiram entre suas residências – 33% das imagens – e o hospital – 29,6% das imagens. Quanto às fontes de informação mencionadas nas matérias, verificamos que as principais esferas envolvidas na polêmica – pacientes, médicos, cientistas e poder público – foram as fontes mais citadas na amostra.

### Conclusões

Neste caso, vemos as consequências amplificadas da atuação do químico na sociedade. Mesmo sem o apoio do restante da comunidade científica, Gilberto Chierice conquista o apoio e a confiança dos pacientes com câncer e seus familiares. É importante destacar que, ao evidenciar apenas os avanços e promessas científicas, sem retratar o processo para que um novo fármaco seja liberado, a ciência deixa de ser vista como uma construção social, resultante de conflitos e alianças entre grupos diversos da sociedade. Assim, afastamos o público geral da ciência e favorecemos a crença em substâncias ditas milagrosas, teorias da conspiração e o próprio movimento anticência. Vemos então, o fortalecimento da individualização da experiência, com o surgimento de narrativas biográficas, onde o sofrimento e outros sentimentos são evocados, em detrimento aos argumentos científicos<sup>1</sup>. O que observamos é que a TV vem tentando balancear os argumentos, trazendo informações científicas mas sem deslegitimar os testemunhos dos pacientes, deixando que o telespectador tire suas próprias conclusões.

### Agradecimentos

Este trabalho é fruto de pesquisa financiada pelo CNPq (edital MCTI/CNPQ Nº 01/2016 – Universal). À Casa de Oswaldo Cruz e à Fundação de Oswaldo Cruz.

LERNER, K. Doença, Mídia e Subjetividade: Algumas Aproximações Teóricas. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013